



**Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento  
nas Letras, Linguísticas e Artes**

---

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902048</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020416</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
<a href="#">Maria Aparecida de Castro</a>	
<a href="#">Maria Aparecida Rodrigues de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
<a href="#">Simone Aparecida Botega</a>	
<a href="#">Andréa Portolomeos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
<a href="#">Verônica Coitinho Constanty</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
<a href="#">Antônio Matosinho de Sousa Júnior</a>	
<a href="#">Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>218</b>
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
<a href="#">Lidiomar José Mascarello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>230</b>
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
<a href="#">Luciane Trennephol Da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>244</b>
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
<a href="#">Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado</a>	
<a href="#">Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>257</b>
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
<a href="#">Vanessa Makohin Costa Rosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020424</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>267</b>
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>280</b>
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>315</b>
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>324</b>
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>335</b>

## POLÍTICAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS

**Pedro Paulo Nunes da Silva**

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa – Paraíba

**RESUMO:** Este trabalho apresenta dois momentos em que houve políticas linguísticas para a promoção do ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil, não de maneira pontual, mas com abrangência temporal e geográfica, pois alcançaram todo o território nacional em diferentes períodos. Os dois programas que se encarregaram de realizar tal tarefa são o Projeto ESP, com início na década de 1970, e o Idiomas sem Fronteiras, criado pelo governo federal brasileiro em 2012. O presente estudo discorre, por meio de estudos acadêmico-científicos, tanto sobre os conceitos e as nuances de política linguística (CALVET, 2007, 2002; COELHO, 2018; RAJAGOPALAN, 2013) quanto da abordagem de ensino de línguas para fins específicos (CELANI, 2009; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 1998; FRAGA, 2017; HUTCHINSON; WATERS, 1987; RAMOS, 2008; ROSSINI; BELMONTE, 2015; VIAN JÚNIOR, 2015). Por conseguinte, através de pesquisas bibliográfica e documental, este trabalho atém-se, principalmente, a compreender a unicidade de cada programa e analisar as necessidades linguísticas, comunicativas e culturais em língua estrangeira dos estudantes universitários

brasileiros em cada época analisada. Conclui-se que, somente por meio da análise de necessidades, é possível construir cursos, em línguas para fins específicos (acadêmicos), que atendam às necessidades dos discentes, logo, observa-se que as necessidades dos estudantes universitários de décadas atrás são distintas das necessidades dos discentes atualmente por motivos diversos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto ESP. Idiomas sem Fronteiras. Política linguística. Línguas para fins acadêmicos. Análise de necessidades.

**ABSTRACT:** This study presents two moments in which there were language policies to promote teaching and learning of languages for academic purposes in Brazil, not in a specific moment in time, but with a temporal and geographical comprehensiveness, since they reached the national territory as whole and in different periods. The two programs that have been in charge of carrying out this task are the ESP Project, beginning in the 1970s, and Language without Borders, created by the Brazilian federal government in 2012. The present study discusses, through academic-scientific studies, the concepts and nuances both about language policy (CALVET, 2007, 2002; COELHO, 2018; RAJAGOPALAN, 2013) and about the languages for specific purposes (CELANI, 2009; DUDLEY-EVANS; ST JOHN,

1998; FRAGA, 2017; HUTCHINSON; WATERS, 1987; RAMOS, 2008; ROSSINI; BELMONTE, 2015; VIAN JÚNIOR, 2015). Therefore, through bibliographical and documentary research, this work mainly aims at understanding the uniqueness of each program and analyzing the linguistic, communicative and cultural needs in the foreign language of Brazilian university students in each period analyzed. It is concluded that only through the needs analysis can it be possible to build courses, in languages for specific purposes (in this case, academic ones), that meet students' needs, so it is observed that the university students' needs of decades ago are different of the current university students' needs for numerous reasons.

**KEYWORDS:** ESP Project. Languages without Borders. Language policy. Languages for academic purposes. Needs analysis.

## 1 | INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresento uma breve análise comparativa entre duas políticas linguísticas brasileiras que fomentam o ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos: o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras (Projeto ESP), posteriormente nomeado de Programa Nacional de Ensino de Línguas para Fins Instrumentais, e o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), anteriormente denominado Inglês sem Fronteiras.

Dessa maneira, nesta pesquisa, cabe averiguar quais as principais características desses programas, a fim de responder ao seguinte questionamento: quais políticas e planejamentos linguísticos foram implementadas face às necessidades linguísticas, comunicativas e culturais em línguas estrangeira no âmbito universitário brasileiro?

Torna-se relevante uma pesquisa como esta, uma vez que os dados obtidos podem apontar quais as políticas linguísticas são adotadas, quais necessidades estão presentes no âmbito universitário e como atendê-las, possibilitando uma contribuição que ofereça um mapeamento histórico e nacional referente ao ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos.

Os principais objetivos, neste estudo, são averiguar, descrever e analisar as nuances que o Projeto ESP e o IsF têm. Além disso, comparar brevemente ambos os programas, a fim de constatar as necessidades, os desejos e as lacunas que os estudantes universitários apresentam ao longo do tempo.

Como procedimentos metodológicos, realizo uma análise por meio de referências bibliográficas e documentais referentes às políticas públicas linguísticas ora analisadas, a saber, o Projeto ESP e o IsF, compreendendo assim uma pesquisa de cunho qualitativo. Para isso, utilizou-se de autores que tratam sobre política e planejamento linguísticos (CALVET, 2007, 2002; COELHO, 2018; RAJAGOPALAN, 2013) e sobre a abordagem de ensino de línguas para fins específicos (CELANI, 2009; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 1998; FRAGA, 2017; HUTCHINSON; WATERS, 1987; RAMOS, 2008; ROSSINI; BELMONTE, 2015; VIAN JÚNIOR, 2015) como referenciais teóricos

para este estudo.

Após estas considerações iniciais, este trabalho é estruturado da seguinte maneira. Primeiramente, exponho sobre os conceitos contidos em política e planejamento linguísticos e as relações com os programas objetos de estudos desta análise comparativa. Em seguida, apresento as características de línguas para fins específicos, línguas para fins acadêmicos e suas relações com o Projeto ESP e o IsF. Antecedendo as considerações finais, analiso e comparo, em duas seções distintas, o Projeto ESP e o Programa Idiomas sem Fronteiras.

## 2 | POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICOS

Ainda que o termo *planejamento linguístico* anteceda cronologicamente a criação do termo *política linguística* (CALVET, 2007), ambos atuam quase que concomitantemente, pois aquele seria a implementação das decisões presentes nesta, ou seja, a “*política linguística* [é] um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e [o] *planejamento linguístico*, a implementação concreta de uma política linguística, de certo modo, a passagem ao ato” (CALVET, 2002, p. 133, grifo do autor). Com isso, estabelecer e implementar regras, critérios e leis, embora sejam ações distintas, elas se tornam interdependentes.

Segundo Kanavillil Rajagopalan (2013), deve-se ter consciência de que a política linguística não é uma vertente intimamente relacionada com a linguística, mas que emerge da ciência política e relaciona-se com esta, tendo pouco a ver, portanto, com a linguística, uma vez que o termo *política linguística* toma a palavra *linguística* para adjetivar o substantivo *política*. Por conseguinte, a linguística distancia-se da política linguística, pois

[Ela] não tem nada a ver com a linguística; ela tem tudo a ver, isto sim, com a política, entendida como uma atividade na qual todo cidadão – todos eles, sem exceção – tem o direito e o dever de participar em condições de absoluta igualdade, sem se importar com classe econômica, sexo, orientação sexual, idade, escolaridade, e assim por diante (RAJAGOPALAN, 2013, p. 22).

Em vista disso, neste estudo, observo a política e o planejamento linguísticos referentes a programas que têm por objetivo o ensino de línguas estrangeiras para fins acadêmicos, a saber, o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras (Projeto ESP) e o Idiomas sem Fronteiras (IsF), os quais são melhor apresentados mais adiante nesta pesquisa. Para a implementação de ambos, utilizou-se da gestão do plurilinguismo denominada por Calvet (2002) como gestão *in vitro*, a qual se opõe à gestão *in vivo* em relação ao seu *modus operandi*.

Há dois tipos de gestão do plurilinguismo: um que procede das práticas sociais e outro da intervenção sobre essas práticas. O primeiro, que chamaremos de gestão *in vivo*, refere-se ao modo como essas pessoas, cotidianamente confrontadas com problemas de comunicação, os resolvem. [...] Mas existe outra abordagem dos problemas do plurilinguismo ou da neologia, a abordagem do poder. É a gestão *in*

*vitro*: em seus laboratórios, linguistas analisam as situações e as línguas, descrevem-nas, constroem hipóteses sobre o futuro das situações, proposições para regular os problemas; depois os políticos estudam essa hipóteses e proposições, fazem escolhas, aplicam-nas (CALVET, 2002, p. 134-135).

Destarte, tanto o Projeto ESP quanto o IsF utilizam-se da gestão *in vitro* para a aplicação das suas ações. Ambos os programas, a partir da construção elaborada por profissionais, principalmente, das áreas de educação e linguística, implementam com o apoio e financiamentos governamentais, institucionais e/ou de outros organismos o plurilinguismo na sociedade brasileira. Compreender tais conceitos são fundamentais para analisar as estruturas internas dessas duas gestões *in vitro*, em especial, do IsF, o qual segue em andamento e expansão nas universidades públicas brasileiras. Porém, antes, cabe definir o que seria o ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos.

### 3 | LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS

O ensino-aprendizagem de línguas para fins específicos (LinFE) é uma abordagem (HUTCHINSON; WATERS, 1987) que se distingue do ensino de línguas para fins gerais, pois observa as necessidades dos aprendizes para posterior estruturação de cursos, com isso, o ensino volta-se para o aluno e suas necessidades específicas, em distinção ao ensino de línguas para fins gerais que contêm uma amplitude de conteúdos variados que deverão ser tratados em sala de aula. Para Dudley-Evans e St. John (1998), há sete características essenciais que descrevem LinFE, sendo três características absolutas, ou seja, sempre presentes na abordagem:

Absolute characteristics: ESP is designed to meet specific needs of the learner; ESP makes use of the underlying methodology and activities of the disciplines it serves; ESP is centred on the language (grammar, lexis, register), skills, discourse and genres appropriate to these activities (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998, p. 4).

Contudo, Ramos (2008) indaga qual processo de ensino-aprendizagem de línguas não é para fins específicos, dado as necessidades de cada aluno e/ou grupo de alunos que são, obrigatoriamente, observadas em algum grau no momento da elaboração de qualquer disciplina ou curso. Hutchinson e Waters (1987, p. 53), de forma semelhante, expõem:

We have defined ESP as an approach to course design which starts with the question "Why do these learners need to learn English?" But it could be argued that this should be the starting question to any course, General or ESP. All courses are based on a perceived need of some sort.

Os mesmos autores (1987), entretanto, explicam que tanto em línguas para fins gerais quanto em LinFE há a *existência* de uma necessidade ou de necessidades específicas, mas é a *consciência* dela que faz de LinFE ser distinta de outras abordagens, o que leva a características fundamentais nessa abordagem de ensino: a análise de necessidades dos alunos (*needs analysis*) e a posterior estruturação do

curso (*course design*). Conseqüentemente, o *design* do curso é elaborado observando a análise de necessidades, a qual deve ser feita a partir da perspectiva do aprendiz e do profissional de LinFE. Para Dudley-Evans e St. John (1997), este profissional é professor, designer de cursos, produtor de materiais, colaborador, pesquisador e avaliador.

Ainda que tais funções sejam encontradas em todo docente, elas são muito mais marcadas no profissional que lida com LinFE, pois muitas vezes esse professor estará em contato com áreas e assuntos que não fizeram parte da sua formação acadêmica prévia (VIAN JÚNIOR, 2015), por exemplo, no ensino-aprendizagem de línguas para fins jurídicos, médicos ou de negócios. Esse docente, então, se vê como pesquisador, para poder produzir e estruturar materiais didáticos e cursos, contando com a colaboração de outros profissionais da área ou mesmo docentes com formação e/ou experiência prévia nesses campos de atuação.

Quanto ao ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos, por sua vez, é uma ramificação de LinFE. Para alguns autores (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998; HUTCHINSON; WATERS, 1987), LinFE pode ser subdividido em línguas para fins ocupacionais e para fins acadêmicos. Ao referir-se à língua inglesa, Dudley-Evans e St. John (1998, p. 34) afirmam:

English for Academic Purposes (EAP) refers to any English teaching that relates to a study purpose. Students whose first language is not English may need help with both the language of academic disciplines and the specific 'study skills' required of them during their academic course.

Pode-se afirmar, portanto, que ambos os programas analisados neste estudo (o Projeto ESP e o IsF) enquadraram-se nessa área de LinFE que abrange o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para fins acadêmicos, pois observa em sua essência as necessidades dos alunos universitários brasileiros. Ao perceber que tais projetos nacionais vinculam políticas linguísticas de ensino de línguas para fins acadêmicos, cabe, por fim, expor sobre eles e suas principais características.

#### 4 | PROJETO ESP

O Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras – Projeto ESP, a sigla ESP refere-se, em inglês, a *English for Specific Purposes*, ou seja, inglês para fins específicos – abrangeu uma política linguística com gestão do plurilinguismo *in vitro* (CALVET, 2007 e 2002), tendo por coordenadora geral a Professora Doutora Maria Antonieta Alba Celani. Nesta pesquisa, o termo Projeto ESP abrange tanto o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras quanto sua posterior expansão, o Programa Nacional de Ensino de Línguas para Fins Instrumentais. Embora o projeto tenha sido criado em 1977, começou a ser executado no ano de 1978 em vinte universidades brasileiras:

Com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino

Superior (CAPES), em 1978 iniciou-se a viagem ‘transbrasil’ (como Mourice jocosamente se referia a ela), que incluiu visita a vinte universidades federais, do Rio Grande do Sul ao Amazonas, com o objetivo de se identificar interesses e necessidades (CELANI, 2009, p. 18).

O projeto cresceu, expandindo-se para todo o Brasil com financiamento do governo nacional e de instituições estrangeiras, entretanto, Celani (2009, p. 18) cita no seu artigo que “com o fim do patrocínio, o Projeto transformou-se em um Programa Nacional de Ensino de Línguas para Fins Instrumentais, ativo até hoje, incluindo o ensino do português, do espanhol, do francês e do alemão”.

As principais características do Projeto ESP foram guiadas pelas necessidades observadas, os interesses expostos e pelas características culturais locais de cada universidade visitada em todo o Brasil. Ao levar em consideração tudo isso, tornou-se desafiador enfrentar a tradição que já vinha sendo implementada no ensino de línguas em território nacional, um exemplo dessa inovação foi inserir a leitura de textos autênticos para alunos iniciantes, pois “o projeto nasceu da identificação de uma necessidade em um determinado momento histórico – ler em inglês” (CELANI, 2009, p. 25). A partir dessas características, alguns mitos foram criados em torno dessa abordagem de ensino, a qual consolidou-se no Brasil como *abordagem instrumental*. Todavia, deve-se ressaltar que a abordagem instrumental é ensino de línguas para fins específicos, neste caso, inglês instrumental (principal língua estrangeira trabalhada no Projeto ESP) é inglês para fins específicos.

As principais características de LinFE no Projeto ESP apresentadas por Ramos (2008) são: tanto o docente quanto o aprendiz são colaboradores, tornando ambos responsáveis pelo próprio desenvolvimento; além disso, a língua portuguesa pode ser utilizada em sala de aula, em oposição à abordagem comunicativa; a metodologia desenvolvida no projeto ESP visa o ensino-aprendizagem de compreensão textual, através de textos autênticos e estratégias de leitura num espaço de tempo menor do que o proposto em outras abordagens; por fim, o incentivo à produção de materiais, observando as necessidades e os traços culturais de cada região do país.

Entretanto, por causa dos aspectos principais e inovadores da abordagem instrumental no Brasil, houve resistência para a sua adoção (ROSSINI; BELMONTE, 2015) e, além disso, criaram-se mitos em torno da abordagem instrumental, Ramos (2008) cita exemplos de mitos referentes ao inglês instrumental: o ensino de inglês instrumental é leitura; só há a compreensão escrita como habilidade linguística trabalhada; inglês instrumental é inglês técnico; dicionários não são permitidos; não há o ensino da gramática da língua inglesa; e, por fim, o português é a língua usada em sala de aula. Inverdades que ainda há entre muitos professores que utilizam a abordagem (CELANI, 2009), pois a abordagem instrumental é LinFE e esta tem por objetivo atender às necessidades dos alunos.

Com relação ao Projeto ESP, este teve por objetivo tão somente como foco as necessidades, os desejos e as lacunas (HUTCHINSON; WATERS, 1987) dos



estudantes daquele contexto universitário brasileiro, os quais se mostraram ser o ensino-aprendizagem da prática de leitura de textos escritos autênticos, principalmente, em língua inglesa. Então, quais seriam as atuais necessidades dos universitários brasileiros com relação ao ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos? Quais as políticas linguísticas implementadas recentemente com esse propósito?

## 5 | IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

O Idiomas sem Fronteiras (IsF) foi criado para atender às necessidades dos alunos de Instituições de Ensino Superior (IES) aptas a participarem do Ciências sem Fronteiras (CsF), uma vez que muitos desses alunos não alcançavam o nível linguístico exigido para candidatarem-se às bolsas de estudos em instituições acadêmicas no exterior oferecidas pelo programa CsF.

Tanto o IsF quanto o CsF são programas que visam a internacionalização da rede federal de educação no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Coelho (2018, p. 12), ao tratar dos institutos federais e da educação profissional e tecnológica no Brasil, afirma que

A internacionalização, nesse cenário, é um processo que visa possibilitar a aquisição de conhecimentos e experiências diversas que vão além das fronteiras geográficas e linguísticas, por meio do diálogo entre culturas e da compreensão das diferenças, aspectos que permitem ampliar a visibilidade e a competitividade, assim como as formas de cooperação e mobilidade, no âmbito internacional.

Embora houvesse procura e alunos capacitados academicamente para participarem desse programa de intercâmbio, a maioria não possuía um certificado de proficiência em língua estrangeira ou mesmo o conhecimento necessário nas habilidades linguísticas da língua estrangeira a ser usada na universidade acolhedora. Dessa forma, o governo federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), em 2012, cria o Inglês sem Fronteiras, por ser até então a única língua estrangeira de trabalho no programa. Através do IsF, promoveu-se aulas de inglês presencial e a distância, além da aplicação gratuita de prova de proficiência em língua inglesa (TOEFL ITP) para alunos dos IESs participantes.

A partir da adição de outros idiomas no IsF (espanhol e francês), em 2013, o MEC emitiu, no ano seguinte, a portaria normativa 973/2014, instituindo o Idiomas sem Fronteiras. Atualmente, com o apoio do governo federal brasileiro (MEC e CAPES), de embaixadas e de outras instituições que fomentam políticas e planejamentos linguísticos de seus respectivos países, o IsF oferta cursos presencial e online de alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português para estrangeiros, além de testes de nivelamento e/ou proficiência para os seguintes idiomas: inglês (TOEFL ITP e TOEIC), espanhol e francês (testes de nivelamento), além do alemão (onSET).

Em vista disso, no site oficial do IsF, há uma breve definição do que se trata o

programa: “O principal objetivo do [IsF] é promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do Ensino Superior Brasileiro, valorizando a formação especializada de professores de línguas estrangeiras” (BRASIL, 2019). Com isso, observa-se o cuidado dessa política linguística, promovida pelo MEC e pela CAPES, em atender necessidades linguístico-comunicativas e culturais de universitários brasileiros, além de funcionários e gestores desses IESs participantes, para poderem atuar nessa expansão da internacionalização na educação brasileira.

Vale ressaltar que o Programa IsF, por meio de seus coordenadores pedagógicos e outros professores atuantes nesse programa, ao perceber as necessidades, os desejos e as lacunas dos alunos usuários e participantes dessa política linguística, decidiu agir de forma a construir cursos que atendessem aos princípios da abordagem de LinFE, mais precisamente no ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos.

A atual coordenadora do Francês sem Fronteiras, na Universidade Federal da Paraíba, Kátia Ferreira Fraga, afirma que pensar em francês para fins acadêmicos/*français sur objectifs universitaires* (FOU) é pensar numa estruturação de curso que esteja intimamente atrelada ao francês para fins específicos/*français sur objectifs spécifiques* (FOS). Consequentemente, deve-se observar tanto as necessidades linguísticas quanto as comunicativo-culturais:

Pensar a mobilidade internacional apenas como preparo de conteúdos linguísticos é insuficiente para que o estudante se integre à vida acadêmica do novo país. Por isso, ao falarmos de FOU, devemos percorrer os mesmos passos utilizados na construção de um programa FOS e pensar que, além da aprendizagem da língua, devemos pensar na metodologia universitária dos países francófonos, no contexto cultural e nos componentes institucionais, culturalmente diferentes da realidade brasileira (FRAGA, 2017, p. 72).

Ainda que a autora faça referência à língua francesa, essa observação deve ser considerada para qualquer outro idioma, em especial, àqueles pertencentes ao IsF, pois o programa fomenta uma política linguística que atende às necessidades dos alunos no âmbito universitário/acadêmico.

Bem como o Projeto ESP observou que as necessidades eram a leitura de textos escritos e autênticos em língua estrangeira (com especial atenção ao inglês), o Programa IsF tem realizado eventos com todos os coordenadores dos diversos IESs participantes com vista a construir um programa sólido que busque, averigüe e atenda às necessidades linguístico-comunicativas e culturais atuais dos estudantes universitários brasileiros.

O IsF observa, portanto, as questões que a globalização impõe, entre elas, a necessidade de internacionalizar as instituições educacionais brasileiras, não somente por meio de intercâmbios acadêmicos, mas também promover a interação nas relações internacionais que engloba gestores educacionais, professores, pesquisadores, estudantes e outros profissionais presentes nas universidades. Uma vez que somos seres que nos comunicamos por meio da linguagem, especialmente por meio da língua, é vital um programa como o IsF, com cursos que foquem nas quatro habilidades

linguísticas simultaneamente ou não, sem olvidar das habilidades comunicativas e culturais, sempre observando a execução da análise de necessidades dos aprendizes.

No caso dos estudantes universitários em mobilidade acadêmica ou em atuação nacional, mas em contato com agentes acadêmicos internacionais, a compreensão escrita torna-se importante para a leitura de artigos, livros, pesquisas em desenvolvimento, documentos, textos escritos diversos que sejam úteis para a atividade que o aluno esteja realizando. Quanto à compreensão oral, a necessidade surge para compreender vídeos, áudios como *podcasts*, palestras e outras comunicações orais. Em interação conjunta com esta última habilidade, está a produção oral para debates, apresentações, diálogos, negociações diversas e qualquer outra interação oral no âmbito acadêmico/universitário. Por fim, a produção escrita é de igual importância para os universitários, pois as comunicações não são somente orais, mas a contestação pode ser também escrita, por exemplo, para a produção de artigos, ensaios, redigir documentos, realizar tarefas escritas que o professor solicite, enviar e-mails para a universidade acolhedora ou na comunicação entre gestores educacionais em países de línguas oficiais distintas.

Logo, é evidente que, embora cada um dos cursos ofertados não abranjam todas as habilidades linguístico-comunicativas e culturais ao mesmo tempo, a composição da oferta de cursos oferece, por outro lado, possibilidades múltiplas de capacitação em línguas para fins acadêmicos, sempre observando as necessidades dos estudantes universitários nos aspectos linguísticos, comunicativos e culturais.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas linguísticas apresentadas, neste trabalho, demonstram a importância da intervenção do governo brasileiro e de instituições na promoção do ensino-aprendizagem de línguas, neste caso, no ensino de línguas para fins acadêmicos. Sem essa gestão *in vitro* do plurilinguismo no âmbito universitário através do Projeto ESP e do IsF, as necessidades dos universitários brasileiros não seriam atendidas ou seriam de forma que não observasse corretamente as carências desses alunos, ressaltando que, atualmente, esses discentes englobam tanto alunos universitários, quanto gestores e profissionais diversos que atuam no âmbito universitário/acadêmico, especialmente em tempos de internacionalização das instituições educacionais por meio de políticas públicas linguísticas, como é o caso do IsF.

Neste estudo, observei de forma geral as principais características de dois programas de políticas linguísticas com foco no ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos: o Projeto ESP e o Idiomas sem Fronteiras. Na breve análise ora apresentada, pode-se perceber que ambos os programas apresentam atuação nacional, com participação de IESs de todas as regiões do país e utilizam-se da abordagem de ensino apresentada em LinFE. Contudo, enquanto o Projeto ESP

observou que as necessidades dos alunos universitários estavam na leitura de textos escritos autênticos em língua estrangeira (com especial atenção à língua inglesa); o Idiomas sem Fronteiras, por sua vez, averiguou que as necessidades são outras, ainda que semelhantes.

O IsF atende às necessidades da internacionalização, inicialmente, com foco no aluno universitário apto a participar do CsF, o que posteriormente tornou-se qualquer discente que participe das instituições parceiras do programa e que tenham o foco na internacionalização do ambiente acadêmico brasileiro, por consequência, incluindo professores, pesquisadores e profissionais atuantes nas coordenações, centros gestores, reitorias e pró-reitorias, por exemplo.

Assim, as necessidades atualmente não estão somente voltadas para a compreensão escrita, mas para todas as habilidades linguísticas (compreensões e produções orais e escritas), além de habilidades comunicativas e culturais, uma vez que a internacionalização envolve interações que exigem não somente a língua *per se*, mas as interfaces a ela relacionadas, dessa forma, os aspectos culturais e comunicativos tornam-se relevantes no ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no IsF.

Nestas considerações finais, devo mencionar que a análise de necessidades (*needs analysis*) determina o planejamento de cursos (*course design*) em LinFE, por isso, há diferenças entre o Projeto ESP e o IsF nas suas ofertas de cursos, mas não nas características absolutas mencionadas por Dudley-Evans e St. John (1998), as quais envolvem a abordagem de ensino de línguas (LinFE) que esses programas adotaram. Logo, as necessidades mudam ao longo do tempo e estas devem ser investigadas antes da implementação de cursos, especialmente, em políticas linguísticas implementadas num país de dimensões continentais como é o Brasil.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Ministério da Educação*: Programa Idiomas sem Fronteiras. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf>>. Acesso em: 3 jan. 2019.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Revivendo a aventura: desafios, encontros e desencontros. In: CELANI, Maria Antonieta Alba; FREIRE, Maximina Maria; RAMOS, Rosinda de Castro Guerra (Org.). *A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 17-31.

COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva. A internacionalização dos Institutos Federais: introdução ao panorama atual. In: COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva (Org.). *A internacionalização da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica: fundamentos, ações e perspectivas*. Volume 1. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DUDLEY-EVANS, Tony; ST JOHN, Maggie Jo. *Developments in ESP: a multi-disciplinary approach*.

Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FRAGA, Kátia Ferreira. O ensino de FOS/FOU na Universidade Federal da Paraíba: realidades e desafios. In: GALLI, Joice Armani; BOUCHONNEAU, Nadège (Org.). *O FOS e o FOU no nordeste do Brasil: quais expectativas?* Recife: Editora UFPE, 2017.

HUTCHINSON, Tom; WATERS, Alan. *English for specific purposes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, Christine et al. (Org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

RAMOS, R. C. G. ESP in Brazil: history, new trends and challenges. In: KRZANOWSKI, M. (Ed.). *English for Academic and Specific Purposes in Developing, Emerging and Least Developed Countries*. University of Kent: Canterbury, 2008.

ROSSINI, Adriana Marroni Z. P.; BELMONTE, Juliana. Panorama do Ensino-Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos: histórico, mitos e tendências. In: LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; FISCHER, Cynthia Regina; GAZOTTI-VALLIM, Maria Aparecida (Org.). *Perspectivas em Línguas para Fins Específicos: Festschrift para Rosinda Ramos*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 347-359.

VIAN JÚNIOR, Orlando. A formação inicial do professor de inglês para fins específicos. In: LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; FISCHER, Cynthia Regina; GAZOTTI-VALLIM, Maria Aparecida (Org.). *Perspectivas em Línguas para Fins Específicos: Festschrift para Rosinda Ramos*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 187-208.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289